

SHA - CÂMARA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS, LETRAS E ARTES (PÔSTER)

NOME: ODAIR FRANÇA DE CARVALHO

TÍTULO: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PRISIONAL: TRAJETÓRIAS E IDENTIDADES DE UM ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO NO BRASIL (1960-2000)

AUTORES: ODAIR FRANÇA DE CARVALHO, SELVA GUIMARÃES

ORIENTADOR:

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): CAPES

PALAVRA CHAVE: história da educação prisional, identidade, prisão..

RESUMO

A educação escolar prisional nos últimos anos ganha destaque nas discussões do Ministério de Educação e em órgãos públicos e nas organizações que tem como foco planejar e criar oportunidades para grupos e segmentos, historicamente excluídos ao longo dos séculos. Historicamente, no Brasil, o direito à educação ofertada no espaço prisional ganha espaço nas discussões oficiais a partir da década de 1960. Antes disso, no contexto internacional, a ONU aprova no ano de 1957, as "Regras Mínimas para o Tratamento de Reclusos" pela Organização das Nações Unidas – ONU, segundo as quais o preso tem o direito à assistência educacional, assim como, o acesso à saúde e serviço jurídico. Índícios de mudança começam a aparecer a partir dos anos 2000, quando ganha força no âmbito do Ministério de Educação – (MEC) a necessidade de ampliação da educação aos segmentos não atendidos ou marginalizados pelo sistema. Um dos marcos foi a criação da Secad na estrutura do MEC, em julho de 2004. Isto significou um redimensionamento do tratamento à educação popular, ao se reunir pela primeira vez na história do MEC, as modalidades e temáticas como alfabetização e educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação escolar indígena, e diversidade étnico-racial, antes distribuídos em diferentes setores do governo. Desde então, foi desencadeado um processo dialógico entre vários órgãos e segmentos da sociedade civil, gestores e equipes envolvidas com a educação nas prisões, entre os quais se destacam: Ministério da Justiça, representado pelo Depen – Departamento Penitenciário do Ministério da Justiça –, o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária e, por fim, o Conselho Nacional de Educação e o Ministério da Educação, na busca da construção da identidade da Educação Prisional, representado, nesse momento, pela Secad. A proposta das diretrizes nacionais para a oferta de educação para jovens e adultos em situação de privação de liberdade nos estabelecimentos penais que traz em seu bojo avanços e desafios a implantação da educação em todas as unidades prisionais do país. O nosso objetivo é o de promover uma reflexão acerca da trajetória da educação prisional no Brasil, mais especificamente no Estado de São Paulo, buscando compreender como vêm configurando a sua identidade. A análise concentra-se no período de 1960 a 2000, com intuito de entender as primeiras experiências do ato educativo em ambientes prisionais. Como referencial teórico que aborda a história da prisão e das experiências educacionais, fundamentamo-nos nos estudos Bauman (1999, 2005), Salla (1999, 2007), Foucault (1987, 2004), Goffman (2005) Moreira (2007), Oliveira (2002), Molina (1997), Brasil(1984,1996, 2010) e outros. Optamos pela investigação qualitativa, pois essa possibilita ao investigador uma visão ampla do objeto estudado e suas múltiplas implicações a realidade social, política, econômica e cultural em que está inserido. Recorremos às fontes escritas, como leis, resoluções, pareceres, material didático, prontuários e propostas pedagógicas das escolas dos presídios. Quanto às fontes iconográficas, concebemos como fontes parciais, seletivas e carregadas de subjetividades e intencionalidades. Os resultados parciais apontam que educação prisional é um espaço de construção, de luta e da construção da sua própria identidade. A revisão bibliográfica revela que as primeiras experiências de educação no seio das unidades prisionais iniciam em meados dos anos 1960, mas especificamente no período militar. Por outro lado, averiguamos as desigualdades educacionais no país, desde experiências exitosas ao descaso quase total com a ação educativa, mesmo que esta tenha ganhado força a partir das políticas públicas afirmativas. Neste sentido, há grandes desafios a serem superados ao organizar um sistema educacional prisional brasileiro, grande em dificuldades e também em possibilidades, sistema este, que foi sendo estruturado com experiências singulares em Estados, Cidades e Unidades. No tocante a produção acadêmica temos uma concentração significativa a partir dos últimos anos da década de 90 e principalmente nos anos 2000(40 teses e 139 dissertações).Concluimos que ao pensar uma Educação Prisional que tenha como objeto o homem preso e não a figura do aprisionado, ela tem muito a contribuir no resgate desse sujeito, se construída a partir de currículo inovador e flexível e que não perca as perspectivas do conhecimento e da cultura e enviesado pelas dimensões: política, social e cultural. E que talvez, o maior desafio dessa educação seja romper com as perspectivas de educação já consolidadas como: disciplinadora, dominadora, excludente e construir uma nova ordem que busque a superação da relação contraditória opressor/oprimido, para que uma nova ordem social seja construída em relações de liberdade, igualdade e emancipação e optar assim por uma educação para liberdade (FREIRE, 2001). Talvez seja o momento de arriscar-se em perspectivas emergentes como os enfoques multiculturais, trazendo novas roupagens e diálogos sobre relações entre: o uno e o diverso, o velho e o novo, o popular e o erudito e assim abrindo a possibilidade de construir um ser humano melhor. E isso só poderá ser possível a partir da construção de espaços democráticos e participativos, seja na prisão ou não, onde a identidade do sujeito e a sua própria história de vida seja ponto de partida para edificar uma escola multicultural. Portanto, o principal papel da educação, seja ela na escola ou na prisão, é desenvolver as capacidades dos indivíduos para tomar decisões rápidas em ambientes tão contraditórios quanto os encontrados nessa sociedade, em constantes mudanças e que as aprendizagens estejam entrelaçadas com a vida.